

**TESSITURA DO ERRO E SUAS CAUSAS ENTRE
ENTENDIMENTO E VONTADE NA FILOSOFIA DE DESCARTES**

**WEAVING OF ERROR AND ITS CAUSES BETWEEN
UNDERSTANDING AND WILL IN DESCARTES' PHILOSOPHY**

**EL TEJIDO DEL ERROR Y SUS CAUSAS ENTRE EL
ENTENDIMIENTO Y LA VOLUNTAD EN LA FILOSOFÍA DE
DESCARTES**

Lélio Favacho Braga¹

Aline Nascimento Braga²

Maria Gilvania da Silva Alves³

Shirsley Joany dos Santos da Silva⁴

Carlos Alberto Brito da Silva Júnior⁵

Alessandra Nascimento Braga⁶

RESUMO

Este ensaio emprega uma abordagem analítica filosófica para explorar a origem do erro na Filosofia de René Descartes. As principais fontes utilizadas são as obras primárias de Descartes: “Meditações Metafísicas”, “Princípios da Filosofia” e “Regras para a orientação do espírito”, complementadas por fontes secundárias pertinentes. A investigação destaca os elementos centrais associados às faculdades humanas de Vontade e Entendimento, à busca incansável pelo conhecimento e à interação complexa com a ideia de Deus no pensamento cartesiano. A metodologia adotada envolve uma análise textual aprofundada das obras citadas, com o intuito de desvendar as concepções e argumentos de Descartes sobre Vontade, Entendimento, liberdade, erro e a busca pela verdade. A conclusão desta análise revela os conceitos fundamentais da perspectiva cartesiana sobre a natureza e as origens do erro, proporcionando valiosos *insights* sobre a visão do filósofo acerca da capacidade humana de buscar o conhecimento e a possibilidade de erros nesse processo.

Palavras-chave: Descartes; entendimento; vontade; erro; causas.

¹ Doutor, Secretaria de Estado de Educação do Pará, <http://lattes.cnpq.br/5249212425775926>, 0000-0002-0855-9269, leliofavacho@gmail.com

² Doutoranda, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática IEMCI/UFPA, <http://lattes.cnpq.br/0260000901655507>, 0000-0002-5998-6615, aline.braga@iemci.ufpa.br

³ Especialista, Faculdade única de Ipatinga, <http://lattes.cnpq.br/6092692845395538>, 0009-0001-1240-2168, a.gilvania46@gmail.com

⁴ Doutora, Universidade Federal do Pará, <http://lattes.cnpq.br/6060351208361634>, 0009-0003-9817-0250, shirsley@ufpa.br

⁵ Doutor, Universidade Federal do Pará, <http://lattes.cnpq.br/5067093267673117>, 0000-0002-7084-8491, cabsjr@ufpa.br

⁶ Doutora, Universidade Federal do Pará, <http://lattes.cnpq.br/7611599930837576>, 0000-0001-9880-5648, alessandrabg@ufpa.br

ABSTRACT

This essay employs a philosophical analytical approach to explore the origin of error in the Philosophy of René Descartes. The main sources used are Descartes' primary works: "Metaphysical Meditations", "Principles of Philosophy" and "Rules for the Guidance of the Spirit", complemented by relevant secondary sources. The investigation highlights the central elements associated with the human faculties of Will and Understanding, the tireless search for knowledge and the complex interaction with the idea of God in Cartesian thought. The methodology adopted involves an in-depth textual analysis of the works cited, with the aim of unveiling Descartes' conceptions and arguments about Will, Understanding, freedom, error and the search for truth. The conclusion of this analysis reveals the fundamental concepts of the Cartesian perspective on the nature and origins of error, providing valuable insights into the philosopher's view of the human capacity to seek knowledge and the possibility of errors in this process.

Keywords: Descartes; understanding; will; error; causes.

RESUMEN

Este ensayo emplea un enfoque analítico filosófico para explorar el origen del error en la Filosofía de René Descartes. Las principales fuentes utilizadas son las obras primarias del propio Descartes: "Meditaciones metafísicas", "Principios de filosofía" y "Reglas para la guía del espíritu", complementadas con fuentes secundarias relevantes. La investigación destaca los elementos centrales asociados a las facultades humanas de Voluntad y Entendimiento, la búsqueda incansable del conocimiento y la compleja interacción con la idea de Dios en el pensamiento cartesiano. La metodología adoptada implica un análisis textual en profundidad de las obras citadas, con el objetivo de develar las concepciones y argumentos de Descartes sobre la Voluntad, el Entendimiento, la libertad, el error y la búsqueda de la verdad. La conclusión de este análisis revela los conceptos fundamentales de la perspectiva cartesiana sobre la naturaleza y los orígenes del error, proporcionando valiosas ideas sobre la visión del filósofo sobre la capacidad humana para buscar conocimiento y la posibilidad de cometer errores en este proceso.

Palabras clave: Descartes; comprensión; será; error; causas.

INTRODUÇÃO

René Descartes (1596-1650), renomado filósofo, considerava a Filosofia como o alicerce das Ciências e enfatizava a importância de manter convicções sólidas nesse sentido. Para ele, a habilidade de distinguir o verdadeiro do falso era crucial para orientar a vida humana. Seu pensamento gerou grande interesse em pesquisadores de diversas áreas, incentivando uma análise crítica dos objetos de estudo com rigor intelectual. Essa perspectiva é evidenciada em sua obra "Regras para a Orientação do Espírito" (DESCARTES, 2007, p. 20), onde ele afirma que "é mesmo um fato de experiência: vemos na maioria das vezes aqueles que nunca consagraram às letras julgarem o que se

lhes apresenta como muito mais solidez e clareza do que aqueles que sempre frequentaram as escolas”.

Neste contexto, o ensaio adota uma abordagem metodológica de análise filosófica textual, focando na investigação de Descartes sobre a natureza do erro e suas origens. O autor examina cuidadosamente a complexa interrelação entre as faculdades humanas de Vontade e Entendimento e sua relação com a busca pelo conhecimento. Ao longo deste estudo, a Vontade emerge como um elemento de importância fundamental nas tomadas de decisão humanas, enquanto a conexão entre Deus e o espírito humano é minuciosamente explorada, associando a liberdade humana à influência divina.

Descartes conduz uma análise profunda nas raízes do erro, descrevendo a Vontade como a faculdade humana responsável por escolher entre afirmações e negações, mas operando dentro das limitações impostas pelo conhecimento humano. O autor incisivamente adverte sobre os riscos decorrentes do uso inadequado da Vontade e propõe uma estratégia de suspensão do julgamento sempre que o Entendimento se apresentar insuficiente, encorajando, assim, a busca incessante por ideias claras e distintas. Em última análise, este estudo sublinha a vital importância da busca incessante pela verdade e da utilização prudente da Vontade no âmbito da Filosofia de Descartes. Para Silva (1993, p. 43), “o projeto de reconstrução do saber só tem sentido a partir da convicção de que o intelecto humano é capaz de atingir a verdade”.

Portanto, este ensaio adota uma abordagem filosófica para investigar a interação entre Vontade, Entendimento, a busca pelo conhecimento e a origem do erro no pensamento de Descartes, todos entrelaçados com o conceito de liberdade na Metafísica cartesiana. Essa análise é conduzida por meio do estudo das obras “Meditações Metafísicas” e “Princípios da Filosofia”, além das “Regras para a orientação do espírito” do próprio autor, e é complementada por fontes secundárias. Segundo Descartes, o erro não é uma característica intrínseca à natureza humana, mas decorre de escolhas inadequadas feitas pela Vontade em relação ao conhecimento disponível. Assim, a busca pela verdade e o uso criterioso da faculdade de escolha desempenham um papel central na Filosofia do autor.

TEIA DO ERRO E SUAS CAUSAS

Descartes realizou uma investigação profunda sobre a natureza do erro e suas origens, examinando a intrincada relação entre a Vontade, o Entendimento e a busca pelo conhecimento. Em suas análises, ele destacou que a Vontade desempenha um papel crucial na tomada de decisões. Esta faculdade permite ao indivíduo escolher entre diferentes ideias apresentadas pelo Entendimento. Contudo, essa liberdade de escolha nem sempre é exercida de forma adequada, o que pode levar o ser humano ao erro.

Descartes identifica a coexistência da liberdade humana e da dependência divina, ainda que não compreenda completamente essa interação. Em outros termos, ele reconhece que a liberdade humana e a dependência divina podem coexistir, mesmo que essa relação não seja plenamente entendida por ele. Apesar dessa incerteza, Descartes sustenta que não está inclinado a renunciar à certeza diante dessa ambiguidade. Assim, ele se questiona: como uma criatura, concebida por um Deus perfeitamente íntegro e capaz apenas de criar obras perfeitas, pode ser suscetível ao engano e ao erro? Esse dilema conduz Descartes a explorar a relação entre Deus, que é infinitamente perfeito e criador, e o espírito humano, que é finito e propenso a dúvidas e equívocos.

Descartes, no entanto, não cultiva a dúvida apenas como forma de percorrer as certezas infundadas e constatar a relatividade daquilo que os homens têm admitido como verdade. A dúvida é um percurso com direção e objetivo, que consiste precisamente no ponto de chegada como ponto fixo, pois se o ponto de chegada da dúvida for um ponto fixo, ele será o ponto de partida do conhecimento (SILVA, 1993, p. 44).

Na filosofia de Descartes, pensar, duvidar e errar são pilares essenciais da identidade do eu. A existência do meu eu é intrinsecamente vinculada ao ato de pensar: quando cesso de pensar, minha existência é interrompida. Assim, pensar, duvidar e errar são aspectos indissociáveis da minha essência, estando minha existência profundamente entrelaçada ao meu pensamento. “Mas o que é que sou então? Uma coisa que pensa. O que é uma coisa que pensa? Isto é uma coisa que dúvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente” (DESCARTES, 2005, p. 47-48).

Na Quarta Meditação, Descartes aborda esse dilema, investigando a relação entre um Deus infinitamente perfeito e criador e o espírito humano, que é finito e propenso a dúvidas e erros, dependendo de Deus para sua existência. A interação entre a ação humana e a ação divina é central nessa Meditação, e Descartes associa

diretamente sua compreensão da liberdade a esse tema. No entanto, admitir que o erro decorra de um discernimento insuficiente implicaria em considerar que Deus dotou sua criação de uma faculdade imperfeita, o que contradiz a concepção de perfeição divina.

O paradoxo entre a perfeição da criação divina e a presença do erro em sua criatura instiga Descartes a investigar a origem do erro. Esse dilema leva o filósofo a examinar a interação entre liberdade, Vontade e Entendimento na experiência humana. Ele busca entender como a criatura humana, dotada de liberdade pela Vontade divina e concebida como uma obra perfeita pode cometer erros. Em sua reflexão, Descartes (2005) destaca que o pensamento é a base da existência consciente, sendo este compreendido através de ações como duvidar, conceber, querer, imaginar e sentir.

A capacidade humana de fazer escolhas, corretas ou incorretas, é central na concepção de liberdade de Descartes e está profundamente ligada à sua análise sobre a origem do erro. Conforme Beyssade (1991, p. 45) afirma, “a liberdade do homem intervém aqui, com a possibilidade dum bom ou mau uso. Procurando a causa do erro Descartes desenvolve a sua concepção de liberdade”. Nesse sentido, mesmo diante das incertezas sobre essa relação, Descartes mantém sua convicção inabalável. Em resposta a Elisabeth, Princesa da Boêmia, conhecida por suas trocas de correspondência com Descartes, o autor esclarece que a dependência em relação a Deus assume uma natureza diferente.

Descartes recusa renunciar a uma certeza por causa duma obscuridade que, no entanto, reconhece, mas que considera como exterior a esta certeza. [...] ‘Não posso compreender como esse poder infinito me deixa livre; e dado que experimento em mim a liberdade, e sem razão que invocarei; para duvidar dela, a minha incompreensão daquilo que conheço como incompreensível’ [...]. Descartes responde a Elysabeth, que deseja ser esclarecida sobre a compatibilidade da liberdade e da nossa dependência em relação a Deus, que esta dependência é ‘doutra natureza’: não se trata de distinguir nos nosso actos a parte que depende de nos e a que depende de Deus, mas reconhece uma diferença de planos entre a ação de Deus e a nossa, a qual, sendo totalmente nossa, depende também inteiramente de Deus (BEYSSADE, 1991, p. 48).

Elisabeth (1618-1680), a filha mais velha de Frederico V (1596-1632) e Isabel Stuart (1596-1662), enfrentou o desafio de harmonizar a vontade divina com a liberdade humana. Após seu período como Princesa da Boêmia, ela se tornou abadessa em Herford, na Alemanha, onde veio a falecer. Em relação à resposta de Descartes a Elisabeth, o filósofo destaca que não se trata apenas de diferenciar as ações humanas



autônomas daquelas influenciadas por Deus, mas de entender que nossa ação, embora originada em nós, é inteiramente dependente de Deus.

Na Quarta Meditação, Descartes aborda a relação entre a ação humana e a divina, e sua compreensão da liberdade se entrelaça com esse tópico central. Ao explorar como as ações humanas se relacionam com as ações de Deus, ele revela sua visão da liberdade. No entanto, ao sugerir que o erro surge de um discernimento insuficiente, haveria a implicação de que Deus dotou sua criação com uma faculdade imperfeita, o que entraria em conflito com a perfeição divina. Portanto, a compreensão de Descartes sobre a liberdade e o erro reflete uma complexa dinâmica entre a ação humana, a ação divina e a busca pela verdade.

Conforme evidenciado, Descartes enfrenta um paradoxo intrigante: como conciliar a ideia de um Deus perfeito com a existência de seres humanos sujeitos a imperfeições e erros. Ele aborda esse dilema na Quarta Meditação, explorando conceitos como liberdade, dependência divina e erro. Ao refletir sobre a natureza limitada do espírito humano finito em contraste com a ideia do infinito, o filósofo identifica um argumento que demonstra a existência de Deus a partir da essência humana. Descartes sustenta que nossa limitação em compreender o infinito é, em si, uma prova de que Deus, o ser infinito e perfeito, nos criou.

Assim, a própria limitação do espírito humano leva Descartes a reconhecer a presença de uma inteligência e Vontade que transcendem a criatura humana. O famoso “cogito”, ao revelar a percepção do eu limitado do homem, também aponta para a existência do ser infinito que é Deus. “Para quem assume a ponto de vista do filósofo, a prova da existência de Deus não é propriamente uma prova, mas uma evidência” (TEIXEIRA, 1990, p. 74). Ou seja, conforme Teixeira (1990), o argumento que Descartes utiliza para a demonstração da existência de Deus não é propriamente uma demonstração, mas uma evidência decorrente da própria natureza humana.

É numa mesma intuição que tomamos conhecimento da natureza limitada e finita de nosso espírito, ao mesmo tempo que vemos a necessidade da existência de um ser infinito e perfeito: porque eu não teria em mim 'a ideia de uma substância infinita, sendo eu finito, se ela não tivesse sido posta em mim por alguma substância que fosse verdadeiramente infinita'. [...] Não posso admitir que aquilo que atribuo a Deus existe em mim em potência: pois que se meu conhecimento aumenta e se aperfeiçoa aos poucos e se não vejo nada que me impeça de prosseguir assim indefinidamente, não é menos certo que esse aumento por graus do meu conhecimento é o sinal de um conhecimento em potência, ao passo que em Deus tudo é atual: e um sinal também de imperfeição no conhecimento e que nunca poderia chegar atualmente ao infinito, por mais que avançasse sempre seria possível juntar ao já adquirido um novo acréscimo (TEIXEIRA, 1990, p. 74-75).

Descartes aborda a dualidade entre o finito do espírito humano e o infinito de Deus, argumentando que a presença da ideia de uma substância infinita em um ser finito é uma evidência da existência de um ser infinito que a colocou ali. No entanto, surge à questão de como uma criatura tão finita poderia compreender as ações de seu criador, especialmente quando confrontada com a vastidão e imensidão infinitas de Deus. Descartes destaca a insondabilidade dos desígnios divinos e enfatiza que tentar impor limites ao infinito, dada nossa finitude, é não apenas inapropriado, mas também absurdo. Ele sustenta que nossa compreensão finita não pode abranger completamente a infinitude divina, e essa limitação é, em si mesma, uma manifestação de nossa dependência do infinito. Portanto, a tentativa de delinear o infinito é uma contradição em termos, pois o infinito, por definição, não tem limites.

Se pensarmos assim nunca nos perderemos em disputas acerca do infinito, pois seria ridículo que nós, sendo finitos, empreendêssemos determinar-lhe alguma coisa e por esse meio o supusêssemos finito ao tentar compreendê-lo. Por isso devemos preocupar-nos em responder àqueles que perguntam se a metade de uma linha infinita é infinita e, se o número infinito é par ou ímpar, e outras coisas semelhantes, porque só aqueles que imaginam que o seu espírito é infinito é que devem examinar tais dificuldades. Quanto a nós, ao vermos coisas nas quais alguns dos nossos sentidos não notam limites, por essa razão não teremos a certeza de que sejam infinitas, e então devemos considerá-las apenas indefinidas (DESCARTES, 1997, p. 36-37).

Segundo a filosofia de Descartes, limitar-se apenas à contemplação do ser humano em isolamento não é suficiente para compreender plenamente a perfeição da criação divina. O autor, de maneira perspicaz, reconhece que a existência de Deus como criador implica a possibilidade de uma infinidade de outras manifestações, dada a amplitude ilimitada do poder divino. Além disso, ele reconhece a limitação inerente ao conhecimento humano, reforçando a ideia de que nossa capacidade de compreensão está intrinsecamente circunscrita. Ou seja, Descartes entende que a existência de Deus sugere a potencialidade para inúmeras outras criações, dada a infinitude do poder divino. Embora a Vontade possa parecer ilimitada em suas escolhas, ela está intrinsecamente ligada ao Entendimento. A inteligência, por sua vez, não é criativa, mas receptiva e conceitual. A interação entre Entendimento e Vontade ocorre de maneira articulada, contribuindo para a busca pela verdade. Portanto, a compreensão de Descartes sobre a liberdade e o erro reflete uma complexa dinâmica entre a ação humana, a ação divina e a busca pela verdade.

Se o nosso entendimento não intervisse, não poderíamos Julgar nada porque não haveria sinal para a nossa vontade se determinar quanto aquilo que o entendimento não apreende. A vontade é absolutamente necessária para darmos o nosso consentimento aquilo que não apreendemos de nenhuma maneira: porém, para fazer um juízo não é necessário ter um conhecimento completo e perfeito; por isso muitas vezes damos o nosso consentimento a coisas de que apenas tivermos um conhecimento muito confuso (DESCARTES, 1997, p. 34).

No entanto, a infinitude da Vontade humana é distinta da infinitude de Deus. Enquanto o ser humano tem a capacidade de escolher livremente entre alternativas, essa liberdade é baseada em uma gama limitada de escolhas. A disciplina do espírito pelo método é essencial para evitar a “falta de disposição” da Faculdade Volitiva (Vontade). Descartes esclarece que o Entendimento humano não faz julgamentos, apenas concebe ideias: é a Vontade que decide sobre essas ideias. Embora a Vontade possa parecer ilimitada, ela é guiada pelo Entendimento, e a interação entre esses dois aspectos permite a manifestação da liberdade de escolha. Portanto, a liberdade, na visão de Descartes, não é uma ausência de restrições, mas uma capacidade de agir de acordo com o entendimento. A Vontade, embora aparentemente ilimitada, está intrinsecamente ligada ao Entendimento, que por sua vez é limitado e finito. Esta interação entre a Vontade e o Entendimento é fundamental para a manifestação da liberdade de escolha.

A minha vontade, ou livre-arbítrio, poder de eger, quer dizer, de dar ou recusar o meu consentimento, não encontra no seu exercício nenhum limite, e pode parecer, neste sentido, infinita. Descartes di-la muito ampla e muito perfeita na sua espécie. Não só nada entrava este poder dos contrários indivisível e absoluto, podendo tanto o não como o sim sempre pronunciando em relação do que é proposto, mas também nada limita a sua extensão e não há nada a respeito da qual a vontade não possa pronunciar-se (BEYSSADE, 1991, p. 45).

A discussão sobre a ideia de infinitude, presente neste contexto, surge da concepção da Vontade no ser humano como um poder de decisão absoluto. Essa noção cria uma distinção fundamental quanto à Vontade em Deus. Enquanto o poder de Vontade em Deus é intrinsecamente unificado com o poder de Entendimento, e ambas são absolutas em sua natureza, no ser humano, observa-se uma notável discrepância. Isso se manifesta na disparidade entre a vastidão da Vontade no ser humano e a limitação de seu Entendimento.

No cerne dessa abordagem está a compreensão cartesiana da Vontade como um elemento central no processo de tomada de decisões. Descartes observa que a Vontade é a faculdade que nos permite escolher entre diferentes opções, afirmar ou negar proposições, e nos orientar em direção a objetivos específicos. No entanto, essa capacidade de escolha

não está isenta de falhas. O ser humano, muitas vezes, exerce sua Vontade sem a clareza e a profundidade necessárias, o que pode levar a julgamentos errôneos e decisões inadequadas. Segundo Descartes, esses erros não são uma falha de nossa Vontade em si, mas surgem quando exercemos nossa Vontade além do que nosso Entendimento pode claramente e distintamente perceber. Portanto, a prática da disciplina mental e a busca pela clareza e evidência em nosso pensamento são essenciais para o uso correto de nossa liberdade de escolha. “Todo erro possível, [...] nunca provém de uma má inferência, mas somente do fato de se partir de certas experiências pouco compreendidas ou de se formular juízos irrefletidos e sem fundamento” (DESCARTES, 2007, p. 09).

A disparidade entre a amplitude da Vontade e a limitação do Entendimento resulta na propensão da criatura humana a cometer erros. Muitas vezes, a Vontade busca abraçar mais do que o Entendimento pode compreender com precisão, levando a interpretações equivocadas e visões distorcidas da realidade. A análise da infinitude sob a perspectiva cartesiana revela a complexa dinâmica entre a Faculdade Volitiva e o Poder de Compreensão na criatura humana. Por outro lado, Deus, conforme concebido por Descartes, detém um conhecimento absoluto, e, portanto, Suas escolhas e decisões são sempre guiadas por uma compreensão completa e imutável. Enquanto Deus personifica a perfeição da unificação desses elementos, a criatura humana enfrenta o desafiador trabalho de administrar a vastidão de sua Vontade dentro das fronteiras de seu Entendimento limitado.

Existe uma dualidade intrínseca que se relaciona com a dualidade entre a Vontade e o Entendimento. Esta dualidade está ligada à forma como a Vontade humana opera, dependendo do Entendimento para orientação, apesar de possuir a capacidade de escolha. A nossa Vontade, que não possui um caráter criativo e opera sobre um conjunto pré-existente, encontra a sua liberdade no poder de escolha. No entanto, para evitar se perder ou negar a si mesma, é essencial que a Vontade se submeta ao Entendimento como um guia confiável. Portanto, na filosofia de Descartes, a liberdade não é uma ausência de restrições, mas uma capacidade de agir de acordo com o Entendimento. A Vontade, embora aparentemente ilimitada, está intrinsecamente ligada ao Entendimento, que por sua vez é limitado e finito. Esta interação entre a Vontade e o Entendimento é fundamental para a manifestação da liberdade de escolha.

Há, pois, na liberdade humana, uma dualidade de aspectos, ligada a dualidade da vontade e da compreensão. A nossa vontade, que não é criativa e se exerce sobre um conteúdo já estabelecido, não pode, sem dúvida, encontrar a sua liberdade se não no poder de escolha, mas deve

também, sob pena de se perder ou de se negar, submeter-se a compreensão como a um guia (BEYSSADE, 1991, p. 47).

O poder de Entendimento se manifesta na criatura humana de forma finita. Há inúmeras coisas que ele desconhece. Em relação ao que compreende, opera de maneira passiva: não emite decisões e consiste apenas no puro poder de concepção, livre de erros intrínsecos. Na Quarta Meditação, Descartes explora a interligação entre Entendimento e Vontade, destacando como essas faculdades humanas se interrelacionam na busca pela verdade e nas decisões tomadas.

Deixada a si mesma, a inteligência flutuaria indefinidamente dentro de suas próprias dificuldades e contradições. Para achar algum ponto de apoio, ainda que fosse uma única ideia realmente certa e inacatável, para sair da dúvida, enfim, é necessário fazer da própria dúvida um instrumento de trabalho e um objeto de pesquisa. A simples dúvida intelectual é o ceticismo, a dúvida metódica ou voluntária é a salvação da inteligência e o começo da sabedoria (TEXEIRA, 1990, p. 41).

Na Quarta Meditação, Descartes explora a natureza da Vontade, descrevendo-a como a capacidade intrínseca de afirmar ou negar, e de buscar ou evitar aquilo que é compreendido pelo Entendimento. Enquanto poder, a Vontade se manifesta como uma clara evidência da natureza divina do ser humano. Descartes afirma: é o que “principalmente, me faz conhecer que eu trago a imagem e a semelhança de Deus” (DESCARTES, 2005, p. 89).

[...] ainda que ela (a Vontade) seja incomparavelmente maior em Deus do que em mim, seja em razão do conhecimento e da potência, que nele se encontrando juntos a tornam mais firme e mais eficaz, seja em razão do objeto, na medida em que ela se dirige e se estende infinitamente a mais coisas, ela todavia não me parece maior, se a considero formal e precisamente em si mesma. Pois ela consiste somente no fato de podermos fazer uma coisa, ou não a fazer (ou seja, afirmar ou negar, perseguir ou fugir), ou, antes, somente no fato de, para afirmar ou negar, fugir às coisas que o entendimento nos propõe (DESCARTES, 2005, p. 89).

As faculdades humanas de Entendimento e Vontade, embora distintas, estão interligadas em suas ações. Isso levanta a questão da autonomia da Vontade em fazer escolhas independentemente do Entendimento, um aspecto que pode ser interpretado de várias maneiras. A liberdade de escolha sem orientação pode resultar em um desvio da Vontade, pois ela não possui razões claras para tomar decisões. Descartes caracteriza essa tendência da Vontade de se desviar como um nível inferior de liberdade. Nesse

contexto, a imposição de disciplina mental por meio de um método rigoroso requer um esforço da Vontade. Na segunda Meditação, Descartes compara esse esforço a uma rédea usada para manter o intelecto dentro dos limites da verdade.

Vejamos o que Descartes diz sobre o entendimento nos juízos: ‘porque pelo entendimento só não afirmo nem nego coisa alguma, mas somente concebo as ideias das coisas que posso afirmar ou negar’. O entendimento só por si é apenas receptivo ou passivo; pode, pois ver a conveniência ou a possibilidade ou mesmo a necessidade [...], como faculdade de ver, aliás, o entendimento é perfeito em seu gênero e não se pode dizer que há nele qualquer erro (TEIXEIRA, 1990, p. 53).

Assim, através do Entendimento, a mente humana concebe ideias e argumentos, tanto favoráveis quanto contrários, e a Vontade, por sua vez, faz a escolha. Este é o processo de operação da mente humana: primeiramente, o Entendimento gera ideias e argumentos, e em seguida, a Vontade seleciona entre eles, podendo ser favoráveis ou contrários. O papel principal do Entendimento humano é a criação de ideias, sem se envolver em julgamentos. Com esse poder, o indivíduo elabora as ideias e argumentos que servirão como fundamento para o exercício de sua Vontade, resultando em escolhas.

Portanto, o poder de Compreensão se manifesta inevitavelmente de forma limitada na natureza humana. Há inúmeras coisas que ele não pode abranger. Em relação ao que ele compreende, atua de forma passiva, não emitindo juízos afirmativos ou negativos; é puramente a capacidade de concepção, livre de erros intrínsecos. Nesse contexto, Descartes, na Quarta Meditação, delinea a interligação entre o Entendimento e a Vontade, destacando como essas faculdades humanas interagem e contribuem para a busca da verdade e para a tomada de decisões.

ENTENDIMENTO E VONTADE NA FILOSOFIA DE DESCARTES

Retomando a discussão da primeira metade deste ensaio, exploramos a visão de Descartes, para quem o Entendimento, definido pela ideia de “conhecimento claro e distinto”, é a capacidade que nos habilita a formular ideias e alcançar uma compreensão precisa das coisas. A Vontade, implicitamente referida pela “liberdade para fazer julgamentos”, é entendida como a habilidade de fazer escolhas ou decisões. Neste



cenário, a Vontade atua no julgamento, mesmo quando não dispomos de um “conhecimento claro e distinto” sobre o assunto em questão. Descartes sustenta que os erros derivam do uso inadequado da nossa liberdade (ou Vontade), e não de uma falha inerente à nossa natureza criada por Deus.

Quando a Vontade é articulada com o Entendimento, ela contribui para a expansão dos limites humanos. Descartes percebe a limitação e a pequenez de várias faculdades humanas, incluindo a Inteligência, a Memória e a Imaginação, em comparação com a vastidão da Vontade como um poder de escolha. Essa amplitude da Vontade leva Descartes a inferir a existência de uma faculdade divina semelhante. O poder dessa faculdade é sentido por Descartes como sendo de tal magnitude que ele não consegue conceber outra mais extensa. No entanto, essa infinitude da Vontade humana difere da Vontade de Deus.

Ao contrastar com a contenção e a limitação das capacidades que representam ideias, Descartes enfatiza que é apenas na Vontade ou no Livre-Arbitrio que ele experimenta uma vastidão imensa, que ultrapassa sua concepção de qualquer outra faculdade, sendo ainda mais expansiva e abrangente. Essa amplitude da Vontade, em comparação com as capacidades representativas, é de fundamental importância para Descartes, pois é através dela que ele percebe a presença de algo que transcende as limitações humanas.

Descartes conclui que é especialmente a Vontade que o faz compreender que ele carrega em si a representação de Deus. Essa capacidade da Vontade de transcender os limites do entendimento e experimentar uma vastidão imensa é o que o leva a reconhecer sua semelhança com a natureza divina. Assim, a Vontade emerge como uma característica crucial na Filosofia de Descartes, conectando o ser humano à essência divina e desempenhando um papel central na compreensão da natureza do erro e sua relação com o conhecimento.

Na filosofia de Descartes, a concepção de uma Vontade ilimitada se manifesta na incessante busca pelo conhecimento infinito. Na Terceira Meditação, ele descreve como seu Entendimento se expande de forma progressiva, indicando a possibilidade de um avanço ininterrupto. No entanto, destaca que esse anseio é intrinsecamente humano, pois somos, em nossa essência, seres finitos. Embora nossa Vontade e Entendimento sejam vastos, têm suas limitações. Segundo Descartes (2005), o conhecimento se aperfeiçoa continuamente, e ao longo de sua vida, ele não percebeu obstáculos que restringissem seu desenvolvimento.

Com efeito, já percebo que meu conhecimento aumenta e se aperfeiçoa pouco a pouco e nada vejo que o possa impedir de aumentar cada vez mais até o infinito; pois, sendo assim acrescido e aperfeiçoado, nada vejo que impeça que eu possa adquirir, por seu meio, todas as outras perfeições da natureza divina; e, enfim, parece que o poder que tenho para a aquisição dessas perfeições, se ele existe em mim, pode ser capaz de aí imprimir e introduzir suas ideias. Todavia, olhando um pouco mais de perto, reconheço que isto não pode ocorrer; pois, primeiramente, ainda que fosse verdade que meu conhecimento adquire todos os dias novos graus de perfeição e que houvesse em minha natureza muitas coisas em potência que não existem ainda atualmente, todavia essas vantagens não pertencem e não se aproximam de maneira alguma da ideia que tenho da Divindade, na qual nada se encontra em potência, mas onde tudo é atualmente e efetivamente (DESCARTES, 2005, p. 74-75).

A diferença fundamental em Descartes entre a Vontade humana e a divina reside no fato de que em Deus, Vontade e Entendimento são absolutos e indissociáveis. No entanto, no ser humano, ocorre uma desconexão entre ambas, o que pode resultar em erros. O erro surge quando a Vontade, que é mais abrangente do que o Entendimento, age além dos limites do conhecimento claro e distinto. Em outros termos, na experiência humana, o Poder de Escolha muitas vezes é exercido com base em informações insuficientes, o que pode levar a equívocos.

Em Deus, querer e conhecer são apenas um só ato. ‘Fonte de toda a bondade, criador de todas as coisas’, ‘Deus compreende e quer, não como nós por operações de alguma forma diferente, mas [...] sempre por uma mesma e muito simples ação, compreende, quer e faz tudo, isto é, todas as coisas que existem, com efeito’. A vontade divina é criadora e nada a precede. Pode dizer-se indiferente, num terceiro sentido, porque nenhuma ideia do verdadeiro ou do bem precede a sua determinação. É, pelo contrário, como se viu, a vontade divina que determina o verdadeiro e o bem, criando as essências e as existências. Se a liberdade da nossa vontade é aquilo em que trazemos a imagem de Deus, a imagem esta muito enfraquecida, ou antes deformada (BEYSSADE, 1991, p. 47).

O uso apropriado da liberdade humana requer a suspensão de qualquer julgamento até que o Entendimento possa conceber ideias claras e distintas sobre o tópico específico da dúvida. Assim, Descartes associa o erro à Vontade que decide sem um conhecimento adequado. Nas Meditações, o filósofo ilustra essa relação entre o Entendimento e a Vontade: a escolha de questionar verdades estabelecidas evidencia essa interação. O problema é que a Vontade possui um poder absoluto que se assemelha ao de Deus, mas se exerce enquanto poder de escolha nas limitações do Entendimento.

O exercício filosófico mostra que, ao escolher afirmar ou negar algo sem um conhecimento claro e distinto, o ser humano incorre em erro. O erro, então, emerge como resultado do mau uso da Faculdade de Escolha. Sobre a Vontade, Descartes esclarece quanto aos contrários: poder de sim, ou de não. Nesse sentido, embora a Vontade seja indiscutivelmente mais elevada em Deus do que no ser humano — seja pela sabedoria e poder divinos que a tornam estável e forte, seja pela extensão infinita de seu domínio sobre as coisas —, ao analisá-la em sua essência: poder de sim, ou de não, ela não parece superar a humana.

Como assim? Fundamentalmente, a Vontade se baseia na capacidade de escolha - isto é, de tomar uma decisão afirmativa ou negativa, de perseguir um determinado caminho - ou de se abster de agir, o que pode envolver a negação de uma proposição ou a evitação de uma ação específica. Quando fazemos escolhas ou evitamos certas ações com base em nossa compreensão, estamos exercendo nossa Vontade. Este exercício de Vontade ocorre de tal maneira que não sentimos qualquer influência externa nos forçando a agir de certa maneira. Em outros termos, nossas ações são o resultado de nossa própria Vontade, e não o resultado de coerção externa. A liberdade, neste contexto, é a capacidade de exercer a Vontade sem restrições externas. No entanto, para ser verdadeiramente livre, não é necessário ser indiferente ao escolher entre opções contrárias.

Então, a Vontade humana, com sua aparente infinitude, é fundamental para o processo de escolha e busca pelo conhecimento. No entanto, sua desconexão com a limitação do Entendimento pode levar ao erro. A disciplina do pensamento, a suspensão do juízo quando o conhecimento é insuficiente e a busca por ideias claras e distintas são elementos essenciais na utilização adequada do poder de escolha. Diante do exposto, ao investigar a relação entre o Entendimento e Vontade, Descartes conceitua a Vontade como um poder absoluto de tomar decisões entre o sim e o não, apontando que o erro encontra origem em sua má utilização. “Mais ampla que o entendimento; a vontade exerce-se fora dos limites do conhecimento claro e distinto, assim nasce o erro” (BEYSSADE, 1991, p. 45).

Dado que a Vontade tem uma abrangência maior do que o Entendimento e frequentemente atua além dos limites do conhecimento claro e distinto, é exatamente nesse espaço que o erro se manifesta. O erro ocorre quando um indivíduo afirma ou nega algo na ausência de conhecimento adequado ou sem compreensão suficiente, ou seja, em um estado de incerteza. Se o Entendimento, devido às suas próprias limitações,



não dispõe de informações suficientes para apoiar ou refutar uma ideia específica, a Vontade exercerá sua liberdade ao escolher entre afirmar, negar ou suspender o julgamento até que as condições para uma decisão informada sejam satisfeitas. Nesse sentido, os “Princípios da Filosofia apresentam explicitamente a suspensão do juízo como um ato do livre arbítrio e como uma experiência da liberdade” (BEYSSADE, 1991, p. 45).

Ora, se me abstenho de dar meu juízo sobre uma coisa, quando não a concebo com bastante clareza e distinção, é evidente que o uso muito bem e que não estou enganado; mas, se me determino a negá-la, ou assegurá-la, então já não me sirvo como devo de meu livre-arbítrio; e, se asseguro o que não é verdadeiro, é evidente que me engano; até mesmo, ainda que eu julgue segundo a verdade, isso só ocorre por acaso, e não deixo de falhar e de usar mal meu livre-arbítrio; pois a luz natural ensina-nos que o conhecimento do entendimento sempre deve preceder a determinação da vontade. E é nesse mau uso do livre-arbítrio que se encontra a privação que constitui a forma do erro (DESCARTES, 2005, p. 92).

Na filosofia de Descartes, as ideias claras e distintas são essenciais para o exercício correto do livre-arbítrio. Segundo o filósofo, ao nos abstermos de julgar algo que não compreendemos completamente, utilizamos nosso livre-arbítrio corretamente e evitamos erros. No entanto, se temos a tendência de afirmar ou negar algo sem a devida clareza, não estamos empregando nosso livre-arbítrio de forma adequada. Mesmo que, por acaso, nosso julgamento esteja correto, ainda assim, cometemos um erro ao usar nosso livre-arbítrio de maneira inadequada. Esta reflexão, encontrada nas *Meditações Metafísicas* (2005, p. 92), está em consonância com os princípios articulados por Descartes em sua obra “Princípios da Filosofia”.

Quando apreendemos alguma coisa não corremos o perigo de nos enganarmos se não formularmos nenhum juízo sobre essa coisa: e mesmo que fizéssemos também não cairíamos em erro se apenas dermos nosso consentimento àquilo que está clara e distintamente comprometido naquilo que julgamos. Contudo, o que geralmente origina os nossos enganos é emitirmos juízo quando não temos ainda um conhecimento muito exato daquilo que julgamos (DESCARTES, 1997, p. 39).

A ideia extraída dos “Princípios da Filosofia” e das “Meditações Metafísicas” destaca de maneira proeminente a centralidade da Vontade e o seu papel crucial na geração dos erros humanos. No entanto, Descartes não considera essa ampla capacidade da Vontade problemática em si. Pelo contrário, ele sugere que essa amplitude é fundamental para nossa liberdade. A Vontade não está restrita ao que já é compreendido pelo Entendimento; ela tem a capacidade de abraçar o que é possível, até mesmo o

infinito, com seu poder de afirmar e negar, de maneira semelhante à Vontade divina que reside em Deus.

Portanto, cada tomada de decisão acarreta consequências que, por sua vez, reativam a manifestação da Vontade. Nesse contexto, as Meditações desempenham um papel fundamental ao proporcionar um exercício filosófico que, especialmente, evidencia a interação dinâmica entre o Entendimento e a Vontade. Através desse processo reflexivo, Descartes destaca a importância da clareza e distinção como diretrizes para a tomada de decisões, visando minimizar a propensão ao erro e otimizar a utilização do livre-arbítrio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos pontos abordados neste ensaio sobre a filosofia de Descartes, a presença de erros na criatura humana não implica necessariamente em uma imperfeição na criação divina. Descartes argumenta que os erros ocorrem quando utilizamos nossa liberdade para fazer julgamentos sem possuir um conhecimento claro e distinto do que está sendo decidido. Assim, a perfeição de Deus e a existência de erros humanos podem coexistir harmoniosamente.

Portanto, embora a Vontade humana possua uma amplitude que se assemelha à de Deus, a consciência das limitações do Entendimento é essencial para tomar decisões claras e distintas e evitar o erro. A complexa relação entre o Entendimento e a Vontade é uma chave na Filosofia de Descartes para compreender a busca pelo conhecimento e a origem do erro. Através dessa análise, Descartes oferece *insights* sobre o uso adequado da liberdade de escolha, ressaltando a importância da disciplina do pensamento e da busca por conhecimento claro e distinto na vida.

Descartes enfatiza que a Vontade na criatura humana pode agir independentemente do Entendimento, levando a decisões precipitadas. Em contrapartida, em Deus, o conhecimento é pleno e imediato, diferindo da evolução contínua e limitada do conhecimento humano. Na filosofia de Descartes, Deus é considerado onisciente, ou seja, seu conhecimento é completo e imediato, sem limitações. Em contraste, o conhecimento humano é visto como limitado e em constante evolução. Isso reflete a visão de Descartes sobre a diferença fundamental entre a perfeição de Deus e a imperfeição humana. A humanidade, com sua Vontade vasta e Entendimento restrito, enfrenta o desafio de evitar erros em decisões que não estão



completamente fundamentadas. Para mitigar a probabilidade de erros na criatura humana, Descartes sugere uma disciplina rigorosa do pensamento e o uso criterioso da liberdade, visando assegurar a busca por um conhecimento claro e distinto.

REFERÊNCIAS

BEYSSADE, Michelle. **Descartes: Biblioteca Básica de Filosofia**. Rio de Janeiro: Edições 70Ltda, 1991.

DESCARTES, René. **Regras para a Orientação do Espírito**. Trad. Maria Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. 2 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DESCARTES, René. **Princípios de Filosofia**. Lisboa: Edições 70, 1997.

SILVA, Franklin Leopoldo. **Descartes: a Metafísica da Modernidade**. (Coleção Logos). São Paulo: Moderna, 1993.

TEIXEIRA, Lívio Teixeira. **Ensaio sobre a Moral de Descartes**. São Paulo, Editora: Brasiliense, 1990.

Submetido em: 16/10/2023

Aceito em: 06/04/2024